CINEMA

Camilo reencontrado

"Mistérios de Lisboa", de Raúl Ruiz, adapta o calhamaço folhetinesco escrito por Camilo Castelo Branco no século XIX, numa versão para cinema e outra para televisão. Poucas vezes Camilo foi tão bem e tão fielmente filmado

TEXTO **VICTOR SILVÉRIO**

Se Portugal tivesse uma indústria cinematográfica modestamente desenvolvida, e televisões que arriscassem algum dinheiro em ficção nacional a sério, em vez de na ficção do pobre de espírito que é a telenovela, teria em Camilo Castelo Branco uma mina sem fundo para explorar, tão vasta, diversificada e preciosa ela é, nos mais variados géneros e registos. Camilo escrevia muito, escrevia muitas vezes para poder comer (como alguns editores lhe pagassem à linha, o autor de "Amor de Perdição" pedia à socapa, aos tipógrafos, que usassem um corpo de letra maior, que aumentasse o número de linhas do livro), e publicava as suas obras muitas vezes em folhetins.

Foi o caso de "Mistérios de Lisboa" (1854), uma movimentadíssima novela folhetinesca em três volumes, inspirada, formal e narrativamente, nos "Mistérios de Paris", de Eugène Sue, um escritor hoje completamente esquecido, e a que Camilo dá foros de história verdadeira que chegou ao seu conhecimento: "um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado", a história de Pedro, órfão de pai e mãe, criado pelo padre Dinis, que se multiplica em subenredos e lances aventurosos, românticos, melodramáticos, arrevezados e tétricos, povoada por dezenas de personagens, e que anda por Portugal, por França e pelo Brasil.

Para filmar este frondosíssimo folhetim, saído a jorros da pena incansável de Camilo Castelo Branco, era preciso não só bastante dinheiro como também tempo - bastante tempo. E não é que "Mistérios de Lisboa" foi mesmo passado para imagens, sob a tutela de um produtor português, Paulo Branco, mas tendo ao leme um realizador chileno radicado na Europa, Raúl Ruiz?

O filme estreia-se para a semana e tem uma versão para cinema, com quatro horas e meia de duração, e outra para televisão, de seis horas, repartidas por episódios, que a RTP exibirá

E não é que Ruiz, que começou a sua carreira a trabalhar em folhetins televisivos no seu país natal, conseguiu a proeza (juntamente com o argumentista Carlos Saboga) não só de condensar o livro sem que ele perdesse a sua personalidade literária, a sua complexidade formal e a sua identidade camiliana, como também de lhe conferir uma dimensão algo onírica, a namorar o fantástico? (aliás, "Mistérios de Lisboa" tem fortes laços de parentesco com outra das grandes e arriscadas aventuras cinematográficas de Ruiz, "O Tempo Reencontrado", uma adaptação da obra de Marcel Proust, feita em 1999)?

O filme estreia-se para a semana e tem uma versão para cinema, com quatro horas e meia de duração, e outra para televisão, de seis horas, repartidas por episódios, que será exibida em seguida pela RTP. Ruiz teve um bom orçamento para rodar "Mistérios de Lisboa", mas mesmo assim fez milagres de poupança que bem poderiam servir de exemplo ao nosso governo, utilizando palácios e espaços públicos portugueses e fazendo-os passar por franceses, ou por locais onde não lhe foi possível filmar por esta ou aquela razão, e rodando cenas que seriam de multidão utilizando um número limitado de actores e figurantes, mas rentabilizando ao máximo a sua presença. O enorme elenco internacional junta actores como Adriano Luz, Maria João Bastos, Ricardo Pereira, Albano Jerónimo, Catarina Wallenstein, Melvil Poupaud, Léa Seydoux ou Clotilde Hesme, entre muitos outros, todos impecavelmente dirigidos.

Não se deixem assustar ou intimidar pelas quatro horas e meia de duração de "Mistérios de Lisboa", porque o enredo do filme é de tal forma atarefado e absorvente, que quase não se sentem passar. Esta adaptação de Camilo existe num patamar cinematográfico só seu, tão diferente é das feitas anteriormente por um António Lopes Ribeiro ou um Manoel de Oliveira. E ainda bem que assim é.

Adriano Luz e Maria João Bastos, figuras centrais no elenco extenso e internacional dirigido por Raul Ruiz

Não há mistério aqui, "este filme vai sobreviver-nos"

Do elenco deste filme faz parte um actor para quem não há mistérios. Antes de ser o padre Diniz no cinema, **Adriano Luz** já tinha encenado o texto de Camilo Castelo Branco no teatro. Fomos falar com ele

ÂNGELA MARQUES

As maiores declarações de amor da indústria cinematográfica não se fazem na tela. Fazem-se nos festivais. E "Mistérios de Lisboa" anda a ser namorado em vários. "Sem qualquer vaidade, posso dizer que tenho a certeza de que daqui a um ano eu e os outros actores ainda vamos estar a ser convidados para ir a festivais com este filme", atira, assim mesmo, à queima-roupa, Adriano Luz. E atira a saber que não está longe da verdade. É que o filme começou por estrear em Toronto, venceu o prémio Concha de Prata - Melhor Realizador, na 58ª Edição do Festival de San Sebastián e esteve no New York Film Festival onde foi seleccionado para figurar ao lado de "Hereafter" de Clint Eastwood, no encerramento do festival. E porquê? Porque o texto é bom e a produção e a realização idem. Para Adriano Luz, "a marca nova neste filme é a forma de filmar do Raul Ruiz". Para o actor, o facto de ter sido um realizador chileno a trabalhar um texto português não faz com que o filme possa deixar de ser considerado português. "Primeiro porque o Raul é um homem do mundo, com uma cultura universal. É provável que tenha uma visão diferente da que teria um realizador português, mas o Raul gosta de Portugal, de filmar cá e tem um bom entendimento com o Paulo Branco, que é o produtor do filme. Ele não fez uma viagem para vir filmar a Portugal, isto foi um caminho. E a verdade é que eu já tinha encenado este texto para teatro e quando eu e o Raul nos juntámos percebemos que havia muitos pontos comuns entre a minha encenação e a realização dele. E eu sou português e ele é chileno." De qualquer maneira, entende, "não temos de reclamar o filme como português, embora não me choque nada dizer que ele é, de facto, português". Claro que ele "se propôs a fazer coisas ambiciosas sobretudo em termos de produção", mas houve outros filmes (o actor cita "A Noite Escura", de João Canijo) "que também se sente que são filmes extraordinários, sem deficiências, tal como este". E agora? "Agora espero que a RTP [que tem os direitos de transmissão do filme em formato de mini-série] mereça ter este material nas mãos."

MISTÉRIOS DE LISBOA
RAUL RUIZ
Estreia dia 21
★★★★☆